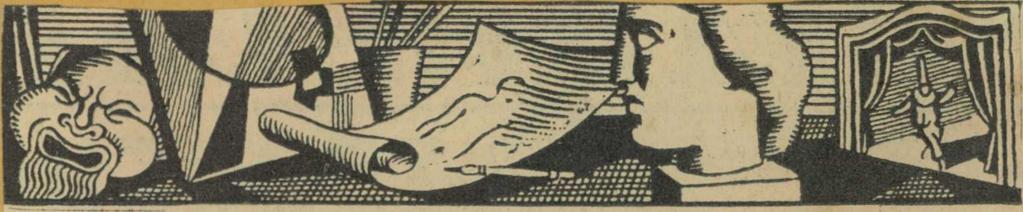


20-01-52



RAZÃO E MITO

Sérgio Buarque de Holanda

NO prefácio que redigiu para a edição das *Obras Escolhidas* do padre Antonio Vieira, agora empreendida pela Livraria Sá da Costa, o sr. Antonio Sérgio mostra o nexo íntimo que ao método das correspondências alegóricas, tão típico do estilo e do raciocínio do grande orador sacro, associa o pensamento augurista dominante em tantos dos seus escritos.

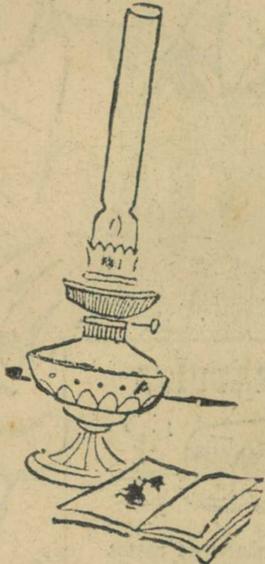
Ao sustentar a tese da ressurreição de D. João IV — fundando-se em que tinham sido anunciadas com grande antecedência certas ações do soberano que este não chegara a praticar e, por conseguinte, deveria viver de novo para cumprir o profetizado — Vieira teria seguido, em suma, o mesmo raciocínio que adotara com frequência na interpretação das Sagradas Escrituras para aplicá-las a sucessos contemporâneos. O pensamento augurista prolongaria a mesma trajetória sobre terrenos mais profanos.

Em verdade, o mundo seicentista guardava uma dose de inocência ainda maior do que a dos nossos dias. Ele bem podia acreditar na ressurreição dos mortos, assim como acreditava na ave Fenix, nos cometas pressagos, nos bruxedos, ou na virtude milagrosa da pedra bezoar que se cria nos intestinos dos ruminantes. Quem busque penetrar, segundo nossos hábitos mentais de hoje, o pensamento daqueles tempos é muito provável que se perca em julgamentos simplificadores e falsos.

O certo é que o racionalismo nascente, mas no entanto jactancioso e já cheio de prestígio, não pudera, então, desalojar velhos e arraigados mitos, assim como a liberdade íntima conquistada através do humanismo e da revolução científica não lograra sufocar as exigências da ortodoxia. Em grande número de casos, o que ocorria era um enlace extraordinário en-

tre o vetusto e o anti-convencional, entre a rotina e a inteligência inquisidora, suscitando alguns daqueles monstros híbridos, daqueles entes de razão, que deixam confuso o historiador de hoje.

Um notável intérprete do pensamento cervantino — Americo



Castro — chegou mesmo a falar em hipocrisia a propósito da estranha mescla da piedade e da crença com certas doutrinas essencialmente heterodoxas ou mesmo anti-cristãs, que discerniu no Quixote. Se é certo que, percorrendo atentamente a obra de Cervantes, pôde encontrar frases ou máximas (esta, entre outras: "Menos mal faz o hipócrita que se finge de bom do que o pecador público") tendentes, na aparência, a reforçar seu juízo, nada nelas contraria vivamente a suspeita de que, neste caso, o analista tenha sido um pouco transviado pela sugestão de símiles modernos.

O fato é que, quando alguns dos nossos sofistas se dedicam hoje à fabricação de "mitos" (um Sorel, por exemplo, ou os teóricos do totalitarismo) é em regra por acreditarem em sua eficácia atual, em sua utilidade pública, não porque

confiem plamente em sua verdade ou dignidade transcendentais. Trata-se a rigor de recursos de emergência, destinados a sustar — por quanto tempo? — o esboroamento de uma armação social, que tendo prestado longos serviços no passado, parece válida para todo e sempre. Representam, com efeito, o derradeiro e mais raro requinte do racionalismo negador: a razão negando-se a si mesma, na esperança falaz de superar com isso o produto danado das próprias obras.

Mas durante a idade barroca e consórcio entre mito e razão deveria ser possível num grau que hoje desafia a mais sutil argúcia intelectual. Pois se uma já se impunha com todo o vigor da sua juventude o outro, numa agonia lenta, resistia, obstinadamente, a tôdas as crises. Mito e razão podiam assim entrelaçar-se sem embuste ou hipocrisia.

Quando D. João IV morreu sem que se cumprissem todos os sucessos prometidos, seria lícito pensar que o Bandarra fôra máu profeta ou, ao menos, que o Bragança não seria o verdadeiro Encoberto das Trovas. Vieira prefere seguir o caminho torto por onde o miraculoso pode casar-se com o lógico. As profecias só se cumpriram em algumas partes, pensava: Logo D. João há de resuscitar para que se cumpram nas outras.

A razão ilumina e faz convincente o milagre, assim como a fé pode dar calor mágico ao cálculo mais soez, ao raciocínio mais frígido. Precisamente da argumentação calculadora há exemplos famosos nestas cartas, políticas ou apoloéticas. Diante do conde de Ericeira, que duvidara de seu tino, ou que o achara demasiado para objetos ou cérebros excessivamente humanos, ele busca argumentar com razões justas, não impressionar com sortilégios, que só impressionam do púlpito. Mas quem duvida — lendo atentamente esses escritos — que a impecável lógica dos argumentos, ainda quando fundada em razões boas, é engenhosa em demasia para servir aos caprichos da história? Em outras palavras, quase nas palavras dos contemporâneos e contraditores de Vieira, mostra-se aqui e em geral através dos seus atos, mais sutileza nos juízos do que juízo nos negócios.

Pode-se pensar que essa sutileza, em muitos casos, é apenas outro nome para o fingimento, para a solécia, diga-se logo para a hipocrisia consumada. No que andavam longe de enganar-se os contemporâneos, inclusive alguns dos mais tontos. A principiar por El Rei. Pois não lhe dissera este, quando o pregador-diplomata defendeu a idéia de um leve tributo sobre a frota do Brasil para pagar fragatas feitas na Holanda, que pusesse tudo isso em papel e dessa vez *sem lábia*? Contudo é preciso distinguir entre a lábia que se sustenta em ilusões ainda plausíveis, e a outra, a hipocrisia utilitária, que se ocupa nos nossos dias em forjar mitos. Ao tempo de Vieira as ilusões passavam por eficazes, simplesmente porque pareciam verdadeiras, enquanto que os mitos de hoje passam por verdadeiros, apenas porque parecem eficazes.

(Conclui na 7.ª página)

☆
RAZÃO E MITO

(Conclusão)

É inevitável fazer-se essa distinção quando se procure bem compreender o pensamento seicentista, evitando aproximações enganadoras com o de nossa época. A inconstância das coisas do tempo podia chegar aos maiores desatinos em suas transposições retóricas, porque se firmava num terreno constante e inabalável. A "natureza" alimentava-se do sobrenatural, tinha nele sua razão

de ser o *o* sua meta final, embora fosse muitas vezes como a imagem invertida da eternidade. É um *a* idéia bem digna da idade *em* que viveu Vieira, da "idade barroca", este fecho de uma das suas cartas, escrita do Maranhão ao padre Francisco de Moraes: "Amemos a Deus, amigo, e para amarmos só a ele conheceremos, que pouco merecem nosso coração tôdas as coisas do mundo. Tôdas acabam, nenhuma tem firmeza; nesta vida há morte, na outra inferno; e ainda é pior que um e outro o esquecimento de ambos".

Contra a tentação de esquecerlos valiam todos os prodígios do verbo, ainda quando se mesclassem com os do pensamento, ao ponto de se apagarem seus limites; disso podia estar seguro Antonio Vieira, sempre lembrado de que sua primeira inspiração para o sacerdócio e para o mister de salvar as almas tirara — a ele, ainda adolescente, de uma prática do padre Manuel do Couto onde se descreviam as penas infernais.

O artifício retórico serve à certeza irrefreável do *memento mori*; em nada é comparável, esta, às "certezas" apenas convincentes e pragmáticas que constituem uma ingênua máscara para o nihilismo. O sr. Antonio Sérgio tem razão, sem dúvida, quando acentua na obra de Vieira a funda intimidade entre os recursos da palavra, da oratória, e o modo de pensar que o caracterizava, especialmente a obsessão das previsões políticas. Menos feliz, talvez, é a insistência em filiá-la ao *conceptismo* e opô-lo violentamente ao cultismo, essa outra forma de expressão própria dos autores da fase barroca. Em realidade o cultista luxuriante e expansivo, não difere essencialmente, mas apenas em traços supérfluos, do conceitista, lapidar e concentrado. Um e outro visam, com o mesmo afã, a enlevar o leitor e o ouvinte, fazendo seus corações mais brandos para coisas edificantes ou simplesmente mirabolantes.

A linguagem incisiva, epigramática, que vamos encontrar por vezes em Vieira, não parece mais fundamental em sua obra geralmente prolixa e arrebatada, do que o é em outros autores da mesma época, inclusive naqueles que se classificam de ordinário entre os cultistas exemplares. E o "conceito predizível", que segundo o sr. Antonio Sérgio anda à origem do *encobertismo* de Vieira, não é diferente — já o mostraram de modo cabal os estudos de Toffanin — do "conceito poeável", em que se apoiava tôda a poética de Marino, pai e modelo dos verdadeiros culteranos. Seja como for, o prefácio do ensaísta português, teve a virtude de iluminar admiravelmente certos aspectos ainda foscos de um dos maiores vultos da literatura brasileira e portuguesa.

Para remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 (São Paulo).